

ARQUITETURA E URBANISMO

REVISTA BIMESTRAL — ANO V — MAIO E JUNHO DE 1940

S U M A R I O



C R O Q U I S — Geza Heller
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL — Henri Sajous
A DEPRECIÇÃO DOS EDIFÍCIOS NOS GRANDES
CENTROS URBANOS — Alvaro Maurício Varella
R E S I D E N C I A — Paulo de Camargo e Almeida
UMA RELÍQUIA DO NOSSO PATRIMÔNIO
H I S T O R I C O — Luiz Saia
ESTUDOS COMPLEMENTARES DE ESPECIALIZAÇÃO NAS ES-
COLAS DE ARQUITETURA — Paulo de Camargo e Almeida
RESIDÊNCIA DE VERÃO — J. A. Soares
FOLHAS DE INFORMAÇÃO — Adalbert Szilard
PARQUE DE REPOUSO SEMANAL NAS
MONTANHAS — Luiz Dodsworth Martins
SEÇÃO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES
NOTAS ◉ COMENTÁRIOS ◉ INFORMAÇÕES

DIRETOR-PRESIDENTE
RICARDO ANTUNES

DIRETOR-SECRETÁRIO
ADALBERT SZILARD

DIRETOR-TESOUREIRO
RAUL CERQUEIRA

CONSELHO-TÉCNICO

RICARDO ANTUNES — AUGUSTO DE VASCONCELOS J.ºR — PAULO NUNES PIRES

SUPLENTE: — GERSON POMPEU PINHEIRO — S. O. DE SABOIA RIBEIRO

ASSINATURAS (POR ANO) — RIO 35\$000 — ESTADOS 39\$000 — EXTERIOR 45\$000 — NÚMERO AVULSO — RIO 6\$000 — ESTADOS 7\$000

COLEÇÕES E NÚMEROS ATRAZADOS À VENDA NA REDAÇÃO
OS CHEQUES OU VALES POSTAIS DEVEM SER ENDEREÇADOS AO DIRETOR-TESOUREIRO

DIREÇÃO E PUBLICIDADE - QUITANDA - 21 - RIO

— A direção não se responsabiliza pelas opiniões emitidas em artigos assinados —

TEORIA DA ARQUITETURA

Arquiteto — WLADIMIR ALVES DE SOUZA

Catedrático de Teoria e Filosofia da Arquitetura.

Le propre du praticien et de l'artiste est d'insti-
tuer et de maintenir, pendant son opération, un
tempérament, ou des échanges aussi intimes que
possible, entre ce qu' il désire et recherche et ce
que lui offre et refuse la connaissance qu' il a de
sa matière et de l' état final et réel de son ouvrage.

(PAUL VALÉRY)

Numa época em que as realizações ante-
cedem á palavra, e o lazer para filosofar é curto,
sendo, entretanto, o pensamento base da obra
de arte, crescente interesse acompanha os es-
tudos que concernem a teoria da Arquitetura.
Pesquisas recentes conduzem a uma concepção
que se basea no estudo conjunto de trez fa-
tores que são por assim dizer as determinantes
da criação arquitetônica: fator mesológico, fa-
tor técnico e fator espiritual.

O EXEMPLO DO EGITO

Consequencia desse conjunto de causas de-
terminantes, o fato "Arquitetura" não pôde ser
considerado sinão como um bloco solido. Si,
por exemplo, a arte egípcia nos apresenta du-
rante 4 milênios uma surpreendente constancia
de caracteres técnicos e formais, a que o de-
vemos, sinão ao meio geografico e social rea-
lizando num determinado ambiente com uma
técnica preciosa um programa invariavel. E o
momento que chegou até nós, testemunha ainda
da economia típica determinada pelo Nilo,
da religião e das classes dirigentes, bem
como do braço escravo razão do luxo de mão
de obra e do culto dos mortos. Quando Ame-
nophis, IV apostata de Amon abandona Thebas
para fundar Tell el Amarna, essa transformação
de ordem politica se exprime em volumes arqui-
tetonicos, tal é a perenidade da arte e sua iden-
tificação com as necessidades e a cultura dos
povos.

A sujeição da arquitetura a esses fatores
constitue simultaneamente gloria e serviço.
"De la musique avant toute chose", pede Ver-
laine no seu "Art poétique" e é justamente o
"Recta ratio factibile" dos escolasticos, reta de-
terminação das coisas a fazer, que ajusta a ar-
quitetura, como as outras artes ás leis da sua
criação, a tal ponto reflete o estetismo dos
povos. Não se pôde negar que a potencia crea-
dora do espirito tenha produzido e venha a pro-
duzir voluntaria e concientemente certas inter-
pretações estranhamente lucidas da natureza.
As pesquisas de Leonardo sobre a simetria dos
vegetais, sobre a estrutura intima das rochas e
da sua vida plastica, são a demonstração de
como pôde o espirito, por unico esforço de sua

vontade evadir-se do mundo sensível e penetrar
os misterios da forma.

ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO

Comtudo, a arquitetura é essencialmente
construção, isto é, criação total de um sêr esté-
tico vivo em suas quatro dimensões, mergulhado
na atmosfera e sofrendo suas consequencias
diréttas ou indirettas: iluminação, ponto de vista,
elementos de contraste, côr, etc. O projeto **não**
é ainda arquitetura. Representação de uma idéa,
pôde, talvez, ser assimilado á pintura. Quantas
alterações, quantas acomodações e retoques
são necessarios na execução do projeto! E como
compreendemos em o "maître-d'œuvre" me-
dieval, sem auxilio de papel, difundindo os prin-
cipios do "opus francigenum" através da Eu-
ropa pela educação visual do volume e da fór-
ma, verdadeiro ensino plastico do desenho e da
estereotomia.

IMPORTANCIA DA TÉCNICA

A idéa do sêr estético implica numa ada-
ptação ás condições materiais do meio; local
topografico, condições morais, programa, etc.
já que o edificio é destinado a desempenhar
uma determinada função social. Ora, o modo
pelo qual se exprime essa modalidade da ati-
vidade das civilizações denominada arquite-
tura, é a construção, isto é: técnica, processos
construtivos, aparelhamento, instrumental. Da
importancia da técnica testemunham as pericias
feitas em edificios para a determinação da
época.

Pelo côrte das pedras numa arquite-
tura dorica se pôde distinguir Selinonte ou a Acro-
pole de Atenas. O arco vem caracterizar a
arquitetura romana e influir decisivamente na
sua composição.

O PROBLEMA DA ESTÉTICA

Quanto ao aspécto espiritual da arquitetura,
a secular contenda do objetivo e do subjetivo,
hoje demonstrada vã, conduz ao estudo da
Estética, não da Estética tendo o belo como
objetivo, segundo a concepção fundada por
Baumgarten, mas considerada como ciencia
das formas. A modalidade experimental, le-
vada por Fechner a minucias de estatística
(análise do retangulo estético, seção de ouro)
veio apenas trazer uma contribuição coincidente
com os velhos principios já preconizados no
Renascimento e certamente praticados pelos
Pitagóricos.

Com efeito existe uma proporção, isto é,